

Pippi ainda mora na Casa Villekulla

A pequena cidade tinha um aspeto muito arranjado e acolhedor, com as suas calçadas e as suas casinhas térreas circundadas por pequenos jardins. Todos os que a visitavam achavam que se tratava de uma cidade muito tranquila e sossegada para se viver. Porém, não havia muitos locais de especial interesse para um visitante — apenas um ou dois, ou seja, um museu de arte popular e um túmulo muito antigo; nada mais. Ah, não! Havia mais uma coisa. Os habitantes dessa pequena cidade tinham afixado bonitos letreiros que assinalavam o caminho para quem quisesse ver as vistas. Um deles dizia, em letras garrafais “Para o Museu de Arte Popular”, e por baixo havia uma seta com a indicação do caminho. Outro letreiro dizia: “Para o Túmulo Antigo”.

Mas havia ainda um outro letreiro. Dizia:



Fora afixado recentemente porque as pessoas estavam sempre a perguntar o caminho para a Casa Villekulla — aliás, perguntavam-no com muito mais frequência do que para o Museu de Arte Popular ou o Túmulo Antigo.

Um belo dia de verão, um senhor apareceu na pequena cidade no seu carro. Morava numa cidade muito maior; por essa razão, metera na cabeça que era melhor e mais importante do que os habitantes da cidade pequena. É claro que havia outro motivo, o facto de ter um carro grande e lustroso, além de ele próprio ter um ar muito imponente, com os seus sapatos mui-tíssimo bem engraxados e um enorme anel de ouro no dedo. Não admirava, portanto, que se achasse extremamente importante e superior.

Apitou bem alto ao atravessar as ruas da pequena cidade, para garantir que as pessoas se apercebiavam da sua presença.

Quando o elegante cavalheiro avistou os letreiros, riu-se com desdém.

— “Para o Museu de Arte Popular”. Com a breca! — exclamou para os seus botões. — “Para o Túmulo Antigo”. Caramba, que *interessante!* — troçou. — Mas que disparate será este? — interrogou-se, assim que avistou o terceiro letreiro. — “Para a Casa Villekulla”. Que nome!

Pensou por uns instantes. Uma casa normal jamais poderia ser uma atração turística como um museu de arte popular ou um túmulo antigo. O letreiro devia ter sido afixado por outro motivo qualquer, pensou ele. Por fim, chegou à conclusão de que a casa estaria à venda e que o letreiro fora afixado para indicar o caminho aos possíveis compradores. Há algum tempo que o elegante cavalheiro tencionava comprar casa numa cidade pequena, onde a vida seria mais tranquila do que na cidade grande. É claro, não iria morar nela a maior parte do tempo, apenas viria de vez em quando, sempre que lhe apetecesse descansar. Além do mais, numa cidade pequena seria ainda mais perceptível

o quão especialmente elegante e importante era o cavalheiro. Decidiu ir dar uma vista de olhos à Casa Villekulla, de imediato.

Bastar-lhe-ia seguir a direção na qual a seta estava apontada. A estrada conduziu-o aos arredores da pequena cidade, antes de ele encontrar o que procurava. Aí, num portão de quinta decrépito, estava escrito a lápis vermelho:



Do outro lado do portão ele viu um jardim demasiado desenvolvido, com árvores velhas cobertas de musgo, relvados por cortar e muitas flores que cresciam completamente à vontade delas. Ao fundo do jardim havia uma casa — mas, caramba, que casa aquela! Parecia prestes a desabar. O elegante cavalheiro olhou-a fixamente e, de repente, arquejou. *Havia um cavalo no alpendre.* O elegante cavalheiro não estava acostumado a ver cavalos em alpendres. Por isso é que arquejara.

Nos degraus do alpendre, sob a luz brilhante do Sol, estavam sentadas três crianças pequenas. A do meio era uma rapariga com muitas sardas no rosto e duas tranças ruivas espetadas para fora. Uma menina muito pequena, de caracóis louros e com um vestido de algodão aos quadrados azuis, estava sentada ao lado dela, e, do outro lado, estava um menino com o cabelo muito penteado. Havia um macaco empoleirado no ombro da rapariga ruiva.

O elegante cavalheiro julgou que se tinha enganado na casa. Com certeza ninguém estaria à espera de vender uma casa tão decrépita.

— Ouçam lá, meninos — gritou ele —, este casebre miserável é mesmo a Casa Villekulla?

A rapariga do meio, a do cabelo ruivo, pôs-se de pé e avançou na direção do portão. Os outros dois seguiram-na devagar.

— Responde-me, sim? — insistiu o elegante cavalheiro, irritado, enquanto a rapariga se aproximava.

— Deixe-me pensar — retorquiu a rapariga ruiva, franzindo o sobrolho numa expressão pensativa. — Será o Museu de Arte Popular? Não! E o Túmulo Antigo? Não! Então já sei! — gritou ela. — É a Casa Villekulla!

— Responde-me com maneiras — disse-lhe o elegante cavalheiro, saindo do carro. Decidira espreitar a casa mais de perto, já que ali estava.

— É certo que poderia deitá-la abaixo e construir uma casa nova — murmurou ele para os seus botões.

— Oh, sim, podemos começar de imediato — respondeu-lhe a rapariga ruiva, arrancando rapidamente duas tábuas da parede lateral da casa.

O elegante cavalheiro não lhe deu ouvidos. As crianças não lhe interessavam, e, além do mais, agora tinha em que pensar. O jardim, apesar do estado negligenciado em que se encontrava, tinha um ar muito agradável e convidativo à luz do Sol. Com uma casa nova, a relva cortada, os caminhos de acesso desimpedidos e belas flores plantadas, então, sim, até um elegante cavalheiro poderia ali morar. O elegante cavalheiro decidiu adquirir a Casa Villekulla.

Olhou em redor para ver que outros melhoramentos poderiam ser levados a cabo. As velhas árvores cobertas de musgo teriam de ser arrancadas, claro. Fitou o carvalho nodoso e grosso com uma expressão carrancuda. Os ramos estendiam-se por cima do telhado da Casa Villekulla.

— Vou ter de deitar aquilo abaixo — disse, com firmeza.
A menina bonita com o vestido azul aos quadrados deu um grito.

— Ouviste isto, Pippi? — perguntou ela, numa voz assustada.
A rapariga ruiva não lhe prestou atenção, continuando a jogar à macaca no carreiro do jardim.

— É isso mesmo. Vou mandar cortar aquele carvalho velho e podre — disse o elegante cavalheiro para os seus botões.

A menina de azul fitou-o com uma expressão de súplica.

— Oh, não faça isso, por favor — disse-lhe ela. — É uma árvore tão boa para se trepar. E está oca. Conseguimos sentar-nos dentro dela.

— Que disparate — respondeu-lhe o elegante cavalheiro. — Eu não trepo árvores. Isso devia ser mais do que óbvio.

O menino com o cabelo penteado aproximou-se também. Exibia uma expressão preocupada.

— Mas — suplicou ele — lá dentro cresce sumo de gengibre. E chocolate também; às quintas-feiras.

— Ouçam lá, meninos, parece-me que estiveram aqui demasiado tempo a apanhar sol nessas cabeças — respondeu-lhes o elegante cavalheiro. — Mas eu não tenho nada que ver com isso. Vou comprar esta propriedade. Podem dizer-me onde posso encontrar o proprietário?

A menina do vestido azul aos quadrados desatou a chorar, e o menino correu para junto da rapariga ruiva, que continuava a jogar à macaca.

— Pippi — disse-lhe ele —, não ouves o que ele está a dizer? Porque é que não fazes alguma coisa?

— Fazer alguma coisa? — retorquiu a rapariga ruiva. — Estou aqui a saltar que nem uma desalmada, e apareces tu a dizer-me para fazer alguma coisa. Experimenta lá tu, para *veres* como é.

Ela aproximou-se do elegante cavalheiro.